

S. XXXIII {Caja 9 (23)

P. 20

1786

75

230



DESAFIO
 SUSTENTADO, E DEFENDIDO
 NA PRAÇA
 DE GRANADA
 EM DEFENSA
 DA RAINHA SULTANA,
 MULHER
 DELREY AUDALHA.

*Trata-se da conjuração, que houve na Cidade de Granada contra os nobres Aben-
 cerrages, e a Rainha Sultana; e de como aquelles se fizeram Christãos, e está
 sendo falsamente accusada por adúltera, deu em sua defensão quatro Ca-
 valheros Castelhanos, que não só mataram aos accusadores, mas tam-
 bem forão causa de se baptizar a mesma Rainha, e de se entre-
 gar a ElRey D. Fernando o Catholico todo o Reyno
 de Granada.*

ESCRITO
 Por IGNACIO RODRIGUES VE'DOURO,
 Natural desta Cidade.



LISBOA OCCIDENTAL,
 Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
 Impressor do Senhor Patriarca.

M. DCC. XXXIV.

Com todas as licenças necessarias.
 Acharseha na mesma Officina, e nos Papelistas do Terreiro do Paço.



DESAFIO
 SUSTENTADO, E DEFENDIDO
 NA PRAÇA
DE GRANADA
 EM DEFENSA
 DA RAINHA SULTANA,
 MULHER
DELREY AUDALHA.



O tempo, em que as guerras civis de Granada annunciavaõ a toda a Christandade a total transmigração dos Granadinos para as terras Africanas, (donde vierão pelos annos de 713. a conquistar as Hespanhas, que dominaraõ por espaço de oito seculos, até o feliz reynado de Fernando o Catholico, que dellas os expullou de todo pelos annos de 1495.) succedo aquelle raõ decantado desafio, que a Rainha Sultana aprazou em sua defenfa contra os Zégris, e Gomeis, Cavalheros de Granada, que com falsas accusações intentarão diminuirhe o credito, e a reputação.

Governando ElRey Audalhá o Reyno de Granada pelos annos de 1491. tinha sua Corte naquella Cidade, que dá o nome a todo o Reyno, e nella muitos Cavalheros illustres, descendentes dos antigos Reys de Africa, e Marrocos, como eraõ as familias dos Abencerrages, Almoradizes, Vanegas, Maliques, Alabez,

R. 66 351

DESAFIO
 SUSTENTADO, E DEFENDIDO
 NA PRAÇA
DE GRANADA
 EM DEFENSA
 DA RAINHA SULTANA,
 MULHER
DELREY AUDALHA.
 ESCRITO
 Por IGNACIO RODRIGUES FERROUSO
 Natural da dita Cidade



LISBOA OCCIDENTAL
 Na Officina de MIGUEL RODRIGUES
 Impressor da Real Libreria

M. DC. XXXIV.

Com a Real Autorisação do
 Officio de Impressão da Real Libreria

4
bezes, Maças, Zégris, e Gomeis; os quaes eraõ entre si contrarios, e oppostos pelas controversias, que tinhaõ ácerca de suas nobrezas. Desejava este Rey concordallos, e fazellos amigos, por evitar as muitas dissensões, que entre elles havia, e para este effeito mandou publicar humas grandes festas, as quaes se haviaõ de celebrar no seu proprio Palacio; e para as fazer mais plausiveis ordenou, que a ellas assistissem todos os Cavalheros de sua Corte, e que as Damas dançassem publicamente com elles. Chegado com effeito o dia, concorreraõ todos a ellas ricamente vestidos, e adornados com preciosas galas, e dividas de seus amorosos pensamentos. Achouse tambem neste aõo hum irmão del Rey Audalhá, o qual se chamava Muça, e era homem de grande valor, e altos pensamentos. Andava elle grandemente namorado de hum fermosa Dama por nome Daraxa, e vendo a occasião opportuna, lhe offereceo hum ramilhete, que ella aceitou obrigada mais ao respeito, que se devia a Muça, do que ao amor, que lhe tinha, pois o havia empregado em hum Cavalhero Abencerrage chamado Alhamim, a quem a incauta Dama o entregou, sem reparar no agravo, que fazia a quem lho dera. Muça, que lhe observava todos os movimentos, vendo aquella desatenção, se enfureceo de modo, que levando do alfange, arremeteo contra Alhamim, resentido de que fosse seu competidor em seus amores. Acodiraõ logo os circunstantes a reprimir-lhe o impulso; e Muça, vendo que não castigara a offensa, rompeo nestas palavras: *Dize baixo, e vil Cavalhero, descendente de Christãos, mal nascido, e atrevido, como ousaste aceitar esse ramilhete, que offereci a Daraxa?* Alhamim, vendo o mau termo de Muça, e o pouco respeito, que teve à sua pessoa, e antiga amizade, não menos apaixonado, lhe deu esta resposta: *Quem diz, que sou vil-lão, e mal nascido, mente mil vezes, pois ninguém pôde negar, que sou nobre Fidalgo, e exceptuando a El Rey meu Senhor, nenhum he tão illustre como eu sou;* e dizendo isto, despidio o alfange, envestio a seu contrario. A este rumor acodio El Rey para com a sua authoridade soccegar o tumulto, e não fez pouco em o conseguir, por estarem todos os Cavalheros já com as armas empunhadas para acudir a seus afeiçoados. Informado El Rey do caso, mostrou-se muito enojado contra seu irmão, por haver sido motor daquelle arruido, e mandou que fosse da Corte desterrado; ao que Muça não repugnou, dizendo somente: *Que algum dia*

*em escaramuças contra Christãos o acharia menos El Rey seu irmão; e fazendo demonstração de querer sahir da sala Real, acudirão a detello os Cavalheros, pedindo a El Rey, que fosse servido remover aquelle decreto, dizendo, que a culpa de Muça fora accidental, e que não merecia tão rigoroso castigo; e ainda que El Rey estava firme na primeira resolução, obrigado dos rogos da Rainha Sultana sua mulher, e dos Cavalheros, e Damas, por não descontentar a todos, perdoou a seu irmão Muça, que já se mostrava arrependido do que dissera contra Alhamim, que era seu grande amigo; e logo alli se abraçaraõ, e perdoaraõ, ficando na amizade tão firmes como de antes eraõ. Porém com tudo, como de hum erro nascem muitos, succedeo, que desta questaõ se originou outra peyor, e mais renhida; porque os Zégris, e Gomeis estimulados da confiança, com que fallara Alhamim, a quem elles tinhaõ odio, por ser da familia dos Abencerrages, começaraõ de novo a provocar o arruido, unidos em hum corpo com os Maças contra os Abencerrages, Almoradizes, Vanegas, Maliques, e Alabezes; e logo na presença del Rey fallou hum Zégri principal contra Alhamim deste modo: *El Rey meu Senhor julgou por mais culpado a seu irmão, sem reparar em que disseste, que depois del Rey não estava nesta Real sala Cavalhero tão illustre como tu. Não tenho por bom Cavalhero o que tanto se exalta, e exaggera, e se não fora estar na sua Real presença, já tivera castigado a tua ousadia.* A estas razões se oppoz hum Cavalhero, chamado Malique Alabez, muy chegado parente, e amigo de Alhamim, dizendo: *Muito me admiro, Zégri valeroso, de que estando nesta Real sala tão illustres Cavalheros, fosses tu só o que te mostras aggravado sem causa, nem razão para tornares a renovar novos escandalos, pois he certo que Alhamim disse a verdade à vista da notoria, e antiga nobreza dos Abencerrages, descendentes dos Reys de Fez, e Marrocos, e do grande Miramamolim. Não cuides, que por descenderes dos Reys de Cordova, es mais illustre, nem tanto como os Abencerrages. Os nobres Almoradizes já sabes, que descendem desta Real casa de Granada, tambem da linhagem dos Reys de Africa, e nós os Alabezes tambem descendemos del Rey Almohabex, Senhor do grande Reyno de Cuco, e muy aparentados com os famosos Malucos; e aonde estaõ todos estes Fidalgos, não devias tu fallar, por se não renovarem novos pleitos, e dissensoens; porque certamente não ha em Granada Cavalheros mais nobres, nem tanto como os Abencerrages, e quem disser o**

contrario, mente mil vezes como villão, e não o tenho por Fidalgo.

Ouvida esta falla pelos Zégris, e seus parciaes, se levantaram todos muy resolutos para matar aquelle, que a fizera; o que vendo os Abencerrages, se pozeraõ em ordem de defenfa; porém ElRey acodio logo a soccegallos, receando, que aquellas dissensoens fossem a causa da sua perdição, e de toda Granada, que parece que o coração lhe prognosticava os infalliveis prefigios da sua ruina, como depois lhe succedeo. Soccegados os Cavalheros, e feitas as amizades, ainda que fingidas, ordenou ElRey, que para confirmação dellas se fizessem grandes festas de torneos, canas, e argolinhas, e encommendou a Muça, que para ellas dispozesse tudo como melhor lhe parecesse.

Todos os Cavalheros se começaram a dispor para as festas, em que cada hum, querendo parecer melhor, se ornava com os mais ricos vestidos que podia. Os Zégris com o desejo de se vingarem dos Abencerrages assentaram entre si de entrarem nas festas com couras d'anta por baixo dos vestidos, e de levarem occultamente lanças offensivas para romperem com os Abencerrages no mayor fervor do jogo, e matallos todos às lançadas. Os Abencerrages não souberaõ deste mau intento dos Zégris, e assim entraram na praça defarmados com canas nas mãos, porque as lanças levavaõ os seus escudeiros. Começadas pois as justas, andando os Abencerrages fazendo estremadas gentilezas de cavalharia, se encontrou Mahomad Zégri com Malique Alabez, (aquelle que na falla Real acodio por Alhamim) e lhe arrojou a lança com tal força, que rompendolhe a adarga, ainda o ferio no braço; o que vendo o Malique, começou a dar grandes gritos, dizendo: *Traição, traição, que nos fazem os Zégris, pois nos arremetão lanças em lugar de canas.* Os valerosos Abencerrages ouvindo aquellas palavras, pediram logo as suas lanças para estarem apercebidos contra toda a fortuna, que se lhes offerecesse; e Malique mais bravo do que hum Leão correo a satisfazerse do aggravado recebido; e encontrando-se com o Zégri Mahomad, lhe disse: *O' Zégri traidor, estas são as acçoens de Cavalhero?* E metendolhe a lança pela garganta, deu com elle morto em terra; e logo os dous bandos de Zégris, e Abencerrages começaram huma bem renhida escaramuça, de que os Zégris não levaraõ a melhor, até que ElRey desceo à praça, e os mandou aquietar sobpena de traição, se logo o não fizessem; e assim todos os def-

inte-

interessados o ajudaram a compor aquella discordia como melhor poderaõ. Neste dia esteve Granada em grande perigo de perderse com as intestinas, e civis discordias de seus naturaes, ainda que ElRey Audalhá fez todas as diligencias possiveis para os pacificar.

Logo todos seguindo suas quadrilhas se foraõ a suas poufadas, os Abencerrages pezarolos de não deixarem naquelle dia castigados os Zégris, e estes resentidos de se não haverem vingado, pelo q̄ hiaõ muy tristes, pois além de levarem hum companheiro morto, levavaõ outros muito feridos, do que resultou ganharem-lhe tal odio, que logo trataram de os malquistar com ElRey por meyo de hum falso testemunho. Eraõ estes nobres Abencerrages homens de grande valor, e boas prendas, e por suas moraes virtudes muy estimados delRey, e do povo, e taõ amigos dos Christãos, que os hiaõ visitar às masmorras para os favorecer não sò com esmolos, mas tambem a alguns com a liberdade. Eraõ tambem muy leaes, e amigos do seu Rey, e dotados de grande gentileza, e discrição; e como os Zégris, e Gomeis não tinhaõ estas prerogativas, desejavaõ com animo cruel, e invejoso extinguillos de todo, para que delles não houvesse geração em Granada. Succedeo pois, que andando os Zégris com este mau intento, sahio ElRey de Granada com muita gente de guerra, e entrando na Andaluzia fez nella grandes extorçoens, e recolhendo-se com huma grossa preza de gados, lhe quizeraõ cortar o passo algumas Companhias de Andaluzes, e lho disputaram por largo espaço de tempo; porém como os Mouros os excediaõ no numero em grande parte, conseguiram estes a victoria, ainda q̄ cara, pois lhes custou as vidas de seiscentos Mouros. Recolhido ElRey às suas terras, celebrou a victoria com grandes festas, às quaes concorreraõ todos os Mouros illustres de sua Corte, e entre elles os Zégris inimigos declarados dos Abencerrages; e estando ElRey fallando com hum principal Cavalhero da mesma geração dos Zégris, chamado Mahomad, começou a louvar muito o grande valor dos Abencerrages, dizendo, que a elles devia a victoria, que alcançara dos Christãos. Era este Cavalhero irmão do que no jogo das canas morreo às mãos de Malique Alabez, e tanto que ouviu o louvor, que ElRey dava aos Abencerrages, não podendo soffrello, respondeu: *Oh como Vossa Alteza está cego, e afeiçãoado aos Abencerrages, e como*

A 4

acode

acode pelos que são traidores à sua Real Coroa! Oh, que se V. Alteza sobera a traição, que elles andão maquinando, como os aborreceira! Confuso o Rey com aquellas vozes, lhe mandou depor tudo o que sabia naquella materia; e o aleivoso Zègri com demonstrações de repugnancia, para melhor lhe suggerir aquella falsa informação, lhe respondeu deste modo: *Naõ deixarey, Senhor, de obedecer; porèm para que se naõ entenda, que com odio, e mau animo es accuso, (pois o motivo, com que fallo, he só o zelo da honra de meu Rey) peço a V. Alteza, que mande chamar à sua Real presença a meus sobrinhos Alli Hamete, e Mahandon, e a meu irmão Mahandim Gomei, porq̃ estes o podem largamente informar da conjuração, que contra vossa Real pessoa andão maquinando os falsos Abencerrages. Vieraõ logo os tres Mouros nomeados, e perante El Rey depozeraõ o seguinte: Todos os Abencerrages estaõ conjurados contra V. A. para vos matarem, e tirarem o Reyno; e a este grandissimo atrevimento dà grande favor, e ajuda a Rainha minha Senhora, por ser da mesma linhagem dos Abencerrages, a qual esquecendo-se do sincero amor, com que sempre foy tratada de V. Alteza, e de sua propria honra, tem illicitos tratos, e amores com Alim Hamad, o mais poderoso, e rico de todos os Abencerrages, e intenta casarse com elle, e coroallo Rey de Granada; e mais deveis, Senhor, de saber, que eu, e estes tres Cavalheros a vimos estar no jardim debaixo de humas roseiras em actos libidinosos com o falso, traidor, e adultero Alim Hamad; e porque somos testemunhas de vista, e professamos guardar, e zelar a honra de nosso Rey, e Senhor, lhe damos aviso de tudo, para que mande fazer justiça; e assim temos cumprido com a ley de Cavalheros.*

Ficou El Rey atonito com aquelle horrivel processo, que contra a innocente Rainha, e leaes Abencerrages formou a emulação, e odio dos aleivosos Zègres, e Gomeis, e dandolhe inteiro credito, sem outra averiguação, rompeo o silencio nestes desatinos: *O' Mafoma, em que te offendi? Este he o galardão, que me dàs pelos sacrificios, que te offereço, e pelos incensos, que tenho queimado em teus altares; pois viva Alá, que naõ ha de ser assim, que haõ de morrer degollados todos os Abencerrages, e a Rainha queimada; vamos, vamos à Cidade, e seja a Rainha preza, que eu farey tal castigo, que dê brado em todo o mundo.*

Logo o mal aconselhado Rey partio para a Cidade de Granada, e mandando prender a Rainha, ordenou, que se lhe desse parte da accusação, e q̃ te dentro de trinta dias naõ mostrasse sua

sua defeza, dando quatro Cavalheros, que com as armas na maõ defendessem sua causa, vencendo o duello no campo, fosse queimada viva; e tambem ordenou, que os quatro accusadores defendessem sua fé, e testemunho contra quaesquer Cavalheros, que a Rainha nomeasse para sua defeza. Tinha este Rey no seu Palacio hum pateo, a que chamavaõ o Quarto dos Leões, e dentro nelle ordenou, que se metessem trinta Cavalheros Zègris armados, e hum algoz, e daqui mandou chamar os Abencerrages, cada hum por sua vez, e assim como entravaõ, os Zègris pegavaõ pelles, e lhes cortavaõ as cabeças com cruel deshumanidade; e deste modo degollaraõ trinta e leis nobres Abencerrages, de cujo sangue alli derramado innocentemente se vêm ainda hoje rubricadas as pedras daquelle lugar, como me affirmou certo Presbytero do Habito de S. Pedro, que em Granada diz q̃ o vira neste presente seculo. Evitou-se a total mortandade dos Abencerrages por meyo de hum escudeiro, que acompanhando a seu amo, teve lugar de entrar com elle no pateo dos Leões, sem ser visto dos ministros daquelle cruelissima injustiça, e como vio a mortandade dos Abencerrages, e juntamente degollar a seu senhor, voltou para fóra, e publicou tudo pela Cidade, de que resultou acudir o povo amotinado ao Palacio, e matar tambem a todos os Zègris que alli se achavaõ, e laría o mesmo a El Rey, se este se naõ retirara apressado a huma Mesquita, que tinha no lugar, aonde hoje chamaõ o Cerro de Santa Helena, na qual esteve escondido alguns dias, até que seu irmão Muça soccegeu o tumulto, e o foy buscar à dita Mesquita, e o trouxe para a Corte.

Restituido El Rey ao seu Palacio, (a que os Mouros chamaõ Alhambra) fez chamar aos accusadores, e lhes disse, que nomeassem os Cavalheros, que em campo haviaõ de sustentar a accusação da Rainha, a qual elles disseraõ, que queriaõ tomar sobre suas pessoas, para a fazerem publica a todo o mundo, e mostrarem a todos a culpa dos Abencerrages; com cuja resposta El Rey se confirmou mais no seu engano, e mandou prender a Rainha na Torre de Comares. Fez tambem publicar hum edicto, em que declarava por traidores a todos os Abencerrages, e os desterrou do Reyno, sobpena de morte, dentro em tres dias. Os Abencerrages (que seriaõ até duzentos) quanto que tiveraõ noticia do edicto, pediraõ a El Rey dous mezes de prazo, para

tahirem do Reyno, os quaes se lhe concederaõ; e logo concordaõ entre si fazeremse todos Christãos, de cujo tanto intento deraõ parte a ElRey D. Fernando por carta, que todos assignaraõ, e lha mandaraõ a Talavera por hum cativo Christão, na qual lhe pediaõ, que os quizesse admittir em seu serviço; porque desejavaõ professar a Ley de Christo; cuja alegre noticia estimou muito ElRey Catholico, aceitandohe a offerta, e offercendolhe todo o seu favor com palavras de grande confiança; com a qual resposta não ficaraõ menos alegres os Abencerrages, pois assim que a receberaõ, partiraõ para Talavera, e alli se bautizaraõ, e serviraõ a ElRey D. Fernando com grande reputação, assim na paz, como na guerra, e por sua industria receberaõ, e professaraõ muitos Mouros seus parentes, e amigos a Fé de Christo, e se veyo depois a entregar quasi todo o Reyno de Granada a ElRey D. Fernando.

A Rainha vendose preza sem culpa, se desfazia em lagrimas, maldizendo sua fortuna em tal forma, que chegou a intentar matarse por suas mãos; mas esta deploravel cegueira impedio huma cativa Christãa, que lhe assistia, a qual vendo sua senhora rodeada de tantas angustias, a contolou dizendohe: *Que se não affligisse, porque se tivesse fe, e confiança em Deos todo poderoso, e em sua santissima Mãe, promettendo firmemente de se fazer Christãa, ella lhe assegurava, que seria livre daquella infamia, e posta em sua liberdade.* Ao que a Rainha (tocada de luz superior) respondeo: *Que sim prometria, porque sentia em seu coração hum ardente desejo de se bautizar, causado pelas grandes maravilhas, que cuvia dizer, obtava o Deos dos Christãos por seus servos, pelo que já não temia a morte, mas antes desejava saber daquella torre, e declarar-se Christãa pelas ruas de Granada, para que seus inimigos a bautizassem em seu proprio sangue.* Vendo Esperança (que assim se chamava a cativa) o bom proposito, e vocação da Rainha, lhe aconselhou, que mandasse pedir favor, e ajuda em sua necessidade a D. João Chacon, Fidalgo Castelhano, e bem conhecido em Granada por suas grandes proezas militares contra os Mouros, que assistia na Corte delRey D. Fernando; porque este era tão valeroso, que bem podia esperar d'elle bom successo em tanta desventura, pois tinha muitos amigos, que sem duvida o acompanhariaõ naquella empreza, e lhe dariaõ o bom fim, que ella desejava. Pareceo bem à Rainha aquelle arbitrio, porque

que desejava, que sua innocencia fosse antes defendida por Christãos, do que por Mouros; e logo escreveo huma carta, que entregou a seu cunhado Muça, para que com toda a diligencia a mandasse a D. João Chacon; o que Muça logo executou com boa vontade, ainda que não sabia o que nella se continha.

Recebeo D. João Chacon a carta da Rainha com grande contentamento, por ver, que nella se lhe offerencia huma tão bizarra aventura, como era o defender huma innocente Rainha, que se queria bautizar; pelo que logo communicou aquelle negocio com o Duque de Arcos D. Manoel Ponce de Leão, e com D. Affonso de Aguiar, e D. Diogo de Cordova, Alcaide dos Donzeis, os quaes não só lhe approvaraõ a empreza, mas tambem se lhe offereceraõ para o acompanhar nella. Mostroulhes D. João a carta da Rainha, na qual ella declarava a intenção que tinha de ser Christãa, os nomes dos quatro accusadores, e o dia aprazado para o desafio; o que visto por todos, de commun consentimento resolveraõ, que respondesse D. João à Rainha, agradecendolhe a escolha que fizera de sua pessoa, havendo naquella Corte outros Cavalheros de quem podera fiar aquelle negocio, e lhe prometesse, que no dia assinalado pelas quatro horas da tarde, elle com tres Cavalheros seus amigos, se acharia no lugar do desafio, para sustentar sua causa, e defender sua innocencia. Com esta resposta ficou a Rainha muito alegre, e confortada; e logo estes Cavalheros se começaraõ a dispor para a jornada com cavallos, e armas; e vestindote ao modo Turquesco, por não serem conhecidos, a fizeraõ por caminhos encobertos, até que chegando à Veiga de Granada, os alcançou hum Mouro, que com grande pressa seguia a mesma derrota; porém como pelos trages lhe pareceraõ Turcos (o que raras vezes se via naquellas terras) admirado, e desejoso de saber quem eraõ, se deteve a fraudallos, e lhes perguntou donde vinhaõ; ao que D. João quiz satisfazer em lingua Turca, mas o Mouro, não entendendo aquella linguagem, lhe pediu, que lhe fallasse em Arabio, o que entaõ fez D. Diogo de Cordova, dizendo: *Nós outros somos de Constantinopla, de nação Genizaros; temos soldo do Grão Senhor, e estamos de guarnição em Mostagan; e como tivemos noticia, que nestas fronteiras ha muitos Christãos de admiraveis forças, viemos com intento de provar as nossas com elles. Desembarcâmos em Adra, e corremos esta Veiga, e como os não encontrá-*

mos para satisfazer nossos desejos, quere nos ir ver a famosa Cidade de Granada, e beijar a mão a El Rey, para depois tornarmos à nossa fragata; e já que satisfizemos vosso gosto, he razão, que tambem nos digais quem sois, e a causa porque caminhais tão apressado. Eu (respondeo o Mouro) chamo-me Gazul, venho de S. Lucar, e vou para Granada a achar-me presente à defesa de hum desafio, que hoje se ha de sustentar contra a Rainha Sultana, porque lhe imputarão certos Cavalheros a culpa de adulterio com hum Cavalhero Abencerrage meu parente, e porque julgo, e creyo que está innocente a Rainha, vou ver se esta me quer admittir em sua defesa; pelo que apressemos o passo, porque me parece que já tardo. Fingirão os Cavalheros grande admiração, e se lhe offercerão para o ajudar, se a Rainha o consentisse, e o Mouro lhes prometteo de fallar, e apoiar aquella pretensão, quanto lhe fosse possível; e em quanto elles continuão sua jornada, daremos aqui noticia do que se passava na Cidade.

Chegado pois o ultimo dia do prazo, foy o valeroso Muça à Torre de Comares dizer à Rainha, que se preparasse, e viesse à praça do desafio escolher Cavalheros que a defendessem, porque assim o ordenava El Rey seu irmão. A Rainha se meteo logo em huma liteira, que se lhe prevenio para o mesmo effeito, e levando consigo sua cativa Esperança, foy conduzida com grandes guardas até à praça, e alli a pozeraõ em o publico cadafalso, em que havia de ser sentenciada. Assim esteve alli a affligida Rainha, toda coberta de luto, e do mesmo medo na praça ao lado direito do cadafalso todos os Cavalheros seus parentes, e parciaes, esperando, que delles sahisse os quatro mantenedores, que a havião de defender; porém ella, confiada na promessa, e palavra de D. João, não quiz aceitar nenhum daquelles Cavalheros, dizendo a Muça, que já tinha nomeado os que havião de sustentar, e defender sua honra, e reputação. Ao lado esquerdo estavaõ os Zégris, Gomeis, e Maças, (que só este lugar mereciaõ, como sequazes da maldade) e entre elles os quatro accusadores, cujos nomes eraõ Mahomad (cabeça principal da traição) Alli Hamete, Mahandon, e Mahandim, todos custosamente vestidos, e armados. Os Mouros parciaes da Rainha vendo, que eraõ já duas horas da tarde, sem ella nomear defensores, começaraõ a entrar em varias considerações, e delles subiraõ quatro ao cadafalso, e lhe disserão: Grande descuido ha sido o de V. Alteza em nomear defensores, sabem-

sabendo, que se vay acabando o dia. Nós outros condoidos de vossa desgraça, vimos offercernos à batulha, se fordes servida, que vos defendamos. Respondeo a Rainha: Não tenhais pena de minhas tribulações, porque já tenho nomeado Cavalheros, que me defendão, os quaes espero até às quatro horas, para com elles triunfar de meus inimigos; e quando elles faltem, (o que não presumo) eu vos aceito a offerta, para que me defendais, fazendo conhecer a todo o mundo a má intenção de meus falsos accusadores. Ouvindo elles isto, descerão do cadafalso, e se tornaraõ a seus lugares; e estando tudo em silencio até às quatro horas, improvisamente se começou a ouvir hum grande rumor, e alvoroço, causado pela multidão da Mourilma, que na praça esperava o successo da batalha.

Então appareceraõ no campo os Cavalheros Christãos, acompanhados do Mouro Gazul, q̄ na Veiga os alcançou; e como vinhaõ vestidos ricamente ao modo Turquesco, causarão grande admiração nos Mouros, os quaes lhes deraõ a boa vinda com grandes demonstraçoens de alegria, principalmente a Gazul, a quem perguntaraõ se os conhecia; e este lhes respondeo, que na Veiga se havião encontrado. Chegaraõ os Christãos ao cadafalso, e pediraõ licença aos Juizes para fallar à Rainha, o que tendo-lhe concedido, subio D. João, e feita a devida reverencia, lhe fallou alto, de modo que os Juizes ouvissem, nesta substancia:

Com a tempestade do mar (Rainha, e Senhora) arribámos à costa de Hespanha, e desembarcámos em Adra com intento de escaramuçar com os Christãos, e buscando-os na Veiga, nenhum encontrámos, pelo que logo partimos a ver esta famosa Cidade, em cujo caminho nos alcançou hum Cavalhero Mouro, chamado Gazul, o qual nos deu conta do infeliz negocio de Vossa Alteza, dizendo-nos, que não tinheis quem vos defendesse, nem querieis que vossa causa fosse sustentada por Mouros. Nós outros somos Turcos Genizaros, descendentes de Christãos, e condoidos de vossa contraria, e adversa fortuna, vos queremos defender à força de lança, e espada, e castigar as offensas, e injurias, que de vossos inimigos recebestes. Em quanto D. João dizia estas palavras, deixou cahir ao descuido huma carta aos pés da Rainha, de modo que não foy vista dos Juizes, e a cativa Esperança a levantou, e den à Rainha, a qual conhecendo a letra do sobrescrito, advertio no segredo, e disfarce, e com o mesmo respondeo a D. João: Eu, valeroso Cavalhero, estive atégora esperando por certo

certo Cavalheiro, que me deu palavra por escrito de estar aqui hoje, e com elle tres Cavalheiros seus amigos; mas porque este já tarda, e vós quereis tomar à vossa conta este negocio, eu vos agradeço muito essa fineza, e em vossas mãos, e nas de vossos illustres companheiros ponho hoje minha honra, vida, e liberdade, assegurando-vos, que entraes no campo como defensores da innocencia, pois em nenhuma das culpas, que me imputaõ, tenbo incorrido. Entaõ disse D. João aos Juizes, que mandassem escrever aquelle auto, para que a Rainha o assignasse. Feito isto, desceo D. João do cadafalso, e montando a cavallo, disse a seus companheiros: *Senhores, vossa he a batalha, demosthe logo principio, antes que seja mais tarde.* Alli toraõ os Christãos muy comprimentados, e cortejados dos Mouros parciais da Rainha, pedindolhe, que empenhassem todas as tuas forças naquella batalha, como de taes Cavalheiros se esperava. Recolhidos os Mouros a seus lugares, ficaraõ somente no campo os oito contendores, quatro em cada lado da praça.

Muito maravilhados estavaõ os Mouros de verem os quatro Christãos (que elles julgavaõ por Turcos) taõ ricamente vestidos, e armados, e logo disseraõ, que sem duvida a Rainha ficava victoriola, segundo o promettia a robusta, e forte disposição de seus defensores. A' vista deste taõ raro espectáculo estava a innocente Rainha toda coberta de luto, e o coração cheyo de agonias, vendo o miseravel estado, em que a pozera sua sorte; porém com tudo, confiada em sua innocencia, e consolada por sua cativa Esperança, moderou algum tanto o seu justo sentimento, e fallava com ella, perguntando-lhe, se conhecera a D. João; ao que a cativa respondeo, que era o que lhe deixara cahir a carta junto aos pès, porque ainda que viera mais disfarçado, não deixaria de conhecello; e desta resposta ficou a Rainha muito alegre, dizendo: *Agora creyo, que he certa minha liberdade.*

Finalmente mandaraõ os Juizes fazer final de acometer com grande estrondo de bellicos instrumentos; e logo D. Diogo de Cordova picou o seu cavallo, e se foy chegando para os accusadores, e lhes disse em alta voz: *Cavalheiros, porque não sem razão haveis accusado a vossa Rainha, e Senhora, pondo dolo em sua honra? A isto respondeo Mahomad: Accusamola por adúltera, e aleivosa, porque a vimos com nossos olhos cometer adulterio com o falso, e traidor Albim Hamad dentro no jardim del Rey nosso senhor, e por*

acodir-

acodirmos por sua honra, e havemos denunciado, para que a mande castigar conforme merece sua culpa. D. Diogo cheyo de colera lhe tornou: *A Rainha vossa senhora, que presente está, não tem de nenhum modo offendido a El Rey seu marido, por quanto vós, e todos os que disserem o contrario, sois falsos, e traidores; e pois estamos em parte, onde se ha de saber a verdade, apercebeivos para a batalha, porque hoje a confessareis à custa de vosso sangue.*

Dito isto, logo D. Diogo terciou sua lança, e com o conto della deu hum terrivel golpe pelos peitos a Mahomad, que o deixou lastimado de tal sorte, que se fora com o ferro, seria escudado segundo, porque sò aquelle bastaria para o matar. O Zegri Mahomad vendo-se affrontado, e desmentido, largou redeas ao cavallo, e foy a ferir a D. Diogo; mas elle como homem experimentado na guerra, se retirou a hum lado, e voltando sobre o Mouro, que vinha direito a elle, travaraõ huma muy renhida escaramuça. Começaraõ os trombetas a provocar a batalha com grande estrondo de instrumentos militares, e a este final se moveraõ os demais contendores, huns contra os outros, com tal furia, que a terra opprimida com o tropel dos cavallos, e ruidoso movimento das armas, pareceo, que tremia de affustada. A D. Manoel Ponce de Leão cahio em forte contender com Alli Hamete, D. Affonso de Aguiar com Mahandon, D. Diogo com Mahomad, e D. João com Mahandim; e reconhecendo cada hum a seu contrario, travaraõ huma cruel batalha, que todos disputaraõ com grandissimo valor.

Os Mouros, além de serem muy valentes, eraõ soberbos, e orgulhosos, e como se viaõ mais combatidos do que esperavaõ, valendo-se de suas grandes forças, pelejavaõ com valor desesperado, como homens, a quem já não deia perder as vidas. Aproveitava-lhe porém muito pouco o seu esforço, porque contendiaõ com a flor de Castella, que lhe reprimia os impulsos com mais vigorosa opposição. Tal era o ardor militar, com que os Christãos pelejavaõ, que seus golpes causandõ ao mesmo tempo horroroso espanto aos menos alentados, infundiaõ novo bellicoso ardor aos destemidos; e andando assim escaramuçando com admiravel braveza, foy D. João ferido na coixa da perna direita, e querendo melhorarte, esperou seu inimigo, que logo o tornou a buscar muy ufano, e risonho, dizendo com grande algazara: *Agora sabereis, Turco, se ha Mouros Granadinos capazes de*

de pelear, e resistir a todos os Cavalheiros do mundo. D. João vendo que o Mouro o tornava a buscar, meteo pernas ao cavallo, e se encontrou com elle com tanta força, que o derribou em terra, e apeando-se, largou sua lança, e puxando da espada, arremeteo contra elle, ao qual achou já com o escudo embraçado, e o alfange na mão, e assim andaraõ às cutiladas largo tempo, até que o Mouro recebeo hum tão delatinado golpe, que lhe decepou a perna esquerda, e com outras feridas na cabeça, e em varias partes do corpo deu comfigo em terra desfalecido, arrenegando da guerra, e maldizendo sua ventura. D. João, quando vio vencido a seu contrario, ainda que à custa de duas feridas, levantando as mãos ao Ceo, louvou a Deos, que lhe deu victoria, e tomando sua lança, posto a hum lado da praça, se arriinou a ella, e esperou o fim da batalha.

Logo os trombetas da Rainha tocaraõ seus instrumentos em reconhecimento do vencido Mouro; o que poz grande animo aos tres Christãos, e muita covardia nos Mouros, que com tão infeliz principio perderaõ as esperanças da victoria; e muito mais quando se ouviraõ em huma janella os gritos, e triste pranto da mulher, e irmãs do vencido Mahandim, vendo que com angustias mortaes se revolvia em seu sangue; pelo que os Zégris, e Gomeis mandaraõ fechar as taes janellas, porque tão lastimosos suspiros não causassem desmayo aos Mouros combatentes, os quaes sustentavaõ sua batalha de modo, que parecia, que de novo a começavaõ, fazendo tanto ruido com as armas, como se fossem cincoenta os contendores.

Pelejando pois os Cavalheiros com animo admiravel, o enojado Mahandon, vendo seu querido irmão em terra agonizando, quiz deixar a D. Affonso de Aguiar, com quem contendia, para ir tomar vingança do matador, dizendo: *Permitti, senhor Cavalheiro, que eu vá vingarme daquelle, que matou a meu muito amado irmão, e logo concluiremos nossa batalha. Não trabalhes, em vão, (disse D. Affonso) demos fim à nossa contenda, porque teu irmão, como bom Cavalheiro, fez o que pode; e não duvides verte do modo em que elle está, porque o sangue dos nobres Abencerrages sem culpa derramado, e a innocencia da Rainha estão pedindo justa vingança contra os que ainda estais vivos; e dito isto o acometeo com furia, e o ferio com a lança, ainda que não foy penetrante a ferida. Exasperado o Mouro, voltou sobre D. Affonso, e lhe arrojou a*
lança

lança de modo, q̄ querendo D. Affonso voltar o cavallo para lhe furtar o corpo ao golpe, não o fez tão depressa como convinha, e a lança do Mouro lhe atravessou o cavallo de parte a parte, o qual com a grande dor da lançada se começou a desmandar de tal forte, que não era bastante todo o preceito do freyo, para poder sogeitallo; por cujo motivo se apeou logo, antes que a queda do cavallo lhe causasse alguma desordem. Ficou o Mouro muy contente de o ver naquelle estado, dizendo: *Agora me pagareis, Turco, a morte de meu irmão; e arremetendo a elle para o atropellar, D. Affonso, que era muy ligeiro, fingio que o esperava, e quando o Mouro chegava a elle, deu hum salto tal, que aquelle passou de largo sem lhe fazer damno, e depois que tres vezes foy acometido da mesma maneira, lhe disse: Desce Mouro desse cavallo, senão queres que te mate, porque te poderà succeder peyor. O Mouro parecendo-lhe bom o conselho, se apeou, e embraçando o escudo, se foy direito a elle, dizendo: Por ventura me aconselhaste por teu mal? Agora o verás (disse D. Affonso) se te aconselhey mais que para te dar cruel morte, justamente merecida pelos grandes damnos, que de teu testemunho se haõ seguido. Com isto arremeteo a Mahandon, começando nova, e duvidosa batalha, que durou mais de meya hora, do que muito se envergonhava D. Affonso, vendo que lhe durava tanto a vida a seu contrario; pelo que desejava de concluir com elle a contenda, se lhe chegou o mais que pode, fingindo querer ferillo na cabeça, e acodindo o Mouro ao reparo, elle rebatendo a mão o ferio gravemente na coxa da perna direita, de cujo golpe o Mouro ficou muy lastimado, e com a vehemencia da dor, atirou hum tão desesperado golpe a D. Affonso, que dando-lhe na cabeça, não só lhe rompeo o elmo, mas ainda o ferio, supposto que levemente, deixando-o atormentado, e sem sentidos, e senão fora de tão animoso coração, sem duvida cahira em terra, e conseguira seu inimigo a desejada victoria. Cobrando porém D. Affonso o novo esforço, de que seu coração era adornado, considerando-se affrontado, investio a seu contrario com furia tão incomparavel, que as armas defensivas, que o Mouro trazia, não foraõ bastantes a resistir às estocadas, com que lhe traspastou os peitos; e assim cheyo de feridas, cahio em terra, esgotando-se em sangue; o que vendo D. Affonso, se foy a elle para o degollar, porém sentindo que estava agonizando, o deixou, e deu a Deos
as devi-*

as devidas graças pela grande vitória, que alcançou; e como da ferida da cabeça lhe cahia muito sangue nos olhos, a tapou como pode, e apertou com o turbante; e buscando seu cavallo, o achou morto, pelo que montou no de seu contrario, e se foy ajuntar com D. João, que tambem lhe sahia muito sangue da sua ferida, mas com tudo se abraçaraõ, e se deraõ os parabens do vencimento.

Celebraraõ os instrumentos a segunda vitória com muita alegria da Rainha, e seus parciaes, a qual era dobrada tristeza para os Zégris, e Gomeis. Cessando porém aquelle bellico estrondo, se vio a batalha, q̄ fazião os outros quatro Contendores. D. Manoel Ponce de Leão, e Alli Hamete pelejavaõ a pé, por se lhe haverem cansado os cavallos, e não podendo concluir sua batalha tão depressa como desejavaõ, andavaõ muy destros procurando ferir hum ao outro, despedaçando-se os arnezes, e as carnes com os violentos, e formidaveis golpes das espadas. Já D. Manoel tinha duas feridas, e o Mouro cinco; porém nem por isso se lhe vio falta de animo, e esforço, mas antes com muito ardil buscava occasião de ferir a seu contrario com algum engano, para o que fazia muitos, e varios acometimentos; porém D. Manoel lhe frustrava todas as suas maliciosas venidas, porq̄ já lhe conhecia o modo de pelejar. Envergonhado porém de tão dilatado combate, por seus companheiros terem concluido os seus, e elle estar ainda tão atrazado, cobrou nova ira contra seu inimigo, e chegando-se mais a elle, lhe deu hum golpe tão terrível na cabeça, que ainda que o Mouro acodio a reparallo, se não livrou de todo delle, pois lhe rompeo o elmo, e o ferio na cabeça de tal modo, que perdeu os sentidos, cahindo em terra desacordado; mas tornando em si, se levantou com intento de melhorar de fortuna, e castigar a offensa recebida; porém ella lhe sahio tão adversa, que dando hum desatinado golpe em hum hombro de D. Manoel, o não offendeo, ainda que lhe rompeo o arnez, e D. Manoel ao mesmo tempo lhe descarregou huma tão forte cutillada sobre outra, que já tinha na cabeça, que logo cahio em terra, blasfemando de seu falso Mafoma, em quem havia posto sua confiança para lhe dar a vitória. Assim morreo o terceiro accusador, cuja morte celebraraõ os instrumentos com a costumada, e bellica harmonia; e D. Manoel montando no seu cavallo, se foy ajuntar com os seus victoriosos

riosos companheiros, dos quaes recebeo os parabens da victoria, dizendolhes: *Louvado seja Deus, que vos livrou daquelle infame Pagão.*

Quem nesta occasião viste a Rainha Sulcana, conheceria muy claramente em seu rosto a grande alegria de seu coração, vendo que se hiaõ aniquilando seus inimigos, de que se lhe havia de seguir sua liberdade, e fallando com sua cativa Esperança, lhe disse: *Na verdade, Esperança, que se D. João tem fama de Cavalheiro valeroso, como he, tambem seus companheiros o não são menos, que elle, pois com tão admiravel esforço tem vencido aos melhores, e mais valentes Cavalheiros de Granada. Assim he, senhora, (respondeo a cativa) e eu me alegro muito de que Vossa Alteza me ache em tudo verdadeira. Assim o vou experimentando, (tornou a Rainha) mas deixemos por ora essa practica, não a entendaõ os Juizes, e vejamos o fim do ultimo accusador, que entendo terá a mesma fortuna, que os tres, que já estão mortos.*

Os ultimos Combatentes D. Diogo, e Mahomad proseguiaõ sua batalha com muito esforço; e Mahomad muito rairoso de ver morto a seu irmão, e mais companheiros, vendose no mesmo perigo, pelejava como homem aborrecido da vida, e affrontado da injuria, considerando a infamia, em que havia incorrido, pelo que com huma furia desesperada dava talhos, e revêzes descompostos, e desordenados, por ver se acafo acertava alguma ferida penetrante, com que seu contrario morresse, ainda q̄ lhe succedesse o mesmo; porque desta sorte não ficariaõ com tanta gloria os vencedores morrendo algum delles; com tudo, ainda que o Mouro pelejava com grande valor, não era menor o de D. Diogo, porque supposto seus companheiros haviaõ alcançado o lauro do vencimento, e estavaõ já descansando, elle parece que começava de novo o seu conflicto, segundo o ardor, com que o sustentava; porque seu inimigo era de muy grandes forças, e astucias para pelejar. Andando assim batalhando, se encontraraõ ambos tão furiosamente, que cahiraõ em terra com seus cavallos; e levantandose começaraõ a combater-se às cutilladas, experimentando cada hum a força de seu contrario contra sua vontade, porque eraõ muy furiosos, e desatentados os golpes, que se davaõ, mostrando cada hum a fortaleza de seu braço, e o animo de seu coração. Verdade he, que o Mouro andava mais orgulhoso, e ligeiro; porém os golpes, que dava, quasi não offendiaõ, por serem muy fortes as armas de

D. Diogo; mas o golpe, que este dava, rompia, cortava, e de- troçava de tal sorte, que não atirava cutilada, que deixasse de fazer ferida ou grande, ou pequena, nem aos agudos fios de sua espada havia arnez, que resistisse. O Mouro então confiado em suas grandes forças, arremeteo a D. Diogo para lutar com elle a braços, e assim andaráo largo espaço fazendo grandes diligencias para se derribarem; porém cada hum empenhava o resto de suas forças, e trabalhava por se defender. Era o Mouro de corpo quasi agigantado, e procurava levantar a D. Diogo no ar para de golpe dar com elle em terra, e por muitas vezes que o intentou, nunca o pode conseguir, porque sempre achou a D. Diogo tão firme, que parecia penhasco immovel, e que o mesmo era querer levantallo, que intentar arrancar huma arvore de bem profundas raizes. Conhecendo finalmente D. Diogo o mau intento de Mahomad, lembrando-se de hum punhal, que comsigo trazia puxou por elle, e lhe deu tres punhaladas por baixo do braço esquerdo, com as quaes o Mouro sentindose mal ferido, deu grandes gritos, e arrancando huma adaga fez com ella tam- bem duas feridas a D. Diogo, ainda que pequenas, por ser lar- ga a adaga, e não poder penetrar as armas. Ultimamente esti- mulado D. Diogo de tanta militar competencia, e movido do nobre ardor, que o animava, tal punhalada atirou ao Mouro, que não só lhe rompeo o arnez, mas tambem lhe traspallou as entranhas, cahindolhe aos pés agonizando; então lhe poz o joe- lho nos peitos, e com o punhal levantado, lhe disse: *Já que foste o principal motor da traição, e falso testemunho contra tua senhora a Rainha, e nobres Abencerrages, confessa logo a verdade, se não que- res que te acabe de matar.*

O malvado, e traidor Mahomad, vendose tão mal ferido, disse: *Não me dês mais feridas, que as que tenho, porque estas basta- ão para tirar minha alma deste corpo; e pois me pedes que declare a verdade nesta ultima hora, eu te affirmo, que assim a Rainha, como os Abencerrages, todos estão innocentes, e tudo o que lhes imputey he falso, e só eu miseravel sou o traidor, e alerroso, pois com meus falsos testemunhos tenho feito tantos danos, e causado tantas mortes. A' vis- ta desta publica confissão, requereo D. Diogo aos Juizes, que portassem por té, e escrito tudo quanto dizia o moribundo Ma- homad; o que elles logo fizeram, e assim se soube a verdade da- quella diabolica tragedia, e se restituhio à Rainha seu credito,*
a qual

a qual muito alegre desceio logo do cadafalso, e entrou na li- teira para voltar a seus Paços, e os Cavalheros Christãos a vie- raão alli receber, e lhe perguntaraão se havia mais que obrar na- quelle negocio, ou em outro qualquer de sua honra, e reputação; ao que ella respondeo, que para a satisfação de seu credito bastava o que haviaão feito, e que receberia grande contentamen- to, se quizessem ir com ella para serem curados das feridas. Acci- taraão elles a offerta, e acompanhados de muitos Cavalheros par- ciales da Rainha, a seguirão até os Paços, aonde foraão assistidos com as honras, que merecia huma tão grande fineza, e huma acção tão heroica. Depois que descançaraão de tanta militar fa- diga, a Rainha os visitou, e lhes disse: *O muito alto, e poderoso Senhor Jesu Christo, e sua santissima Mãe, que o pario sem dor fican- do Virgem por divino mysterio, vos dê saude, e larga vida, e vos pa- gue a honra, que me fizestes em me livrar da infame, e injuriosa morte, que meus inimigos contra mim maquinavaão, por cuja merce me confessa- rey sempre tão obrigada como agradecida. Agora senhor D. João, e mais illustres Cavalheros, vos peço, que assim que chegardes à Corte de vos- so Rey, lhe digais com vivas expressões o estado, em que se acha esta Ci- dade, informando-o das civis guerras, com que se abrazaão os Povos des- te Reyno com as parcialidades de tres Reys, que o pretendem dominar, a saber El Rey Mulahazen meu sogro, Audili seu irmão, e Audalhá meu marido, com o que as gentes estão notavelmente perturbadas, e in- quietas. Dizeilhe, que dê logo principio à guerra, que intenta fazer a esta Cidade, pois tem agora a occasião opportuna para a sogetar ao seu imperio, por se não malogrem os fervorosos desejos, que os principaes Cavalheros della tem de serem Christãos. Tambem lhe podeis dizer, que se aconselhe neste particular com os nobres Abencerrages, que já em sua Corte professão a Ley de Christo, porque elles, como naturaes desta Cidade, sabem melhor os fundamentos, e meyoos necessarios para se effectuar este negocio de tanta supposição; e assim espero de vós, pelo que deveis à ley de nobres, e Catholicos Cavalheros, que disponhais tu- do de modo, que eu, e todos meus parentes sejamos brevemente admit- tidos à fé de Jesu Christo, e livres dos duros, e abominaveis precei- tos do Alcorão.*

Ouvindo isto D. João, disse à Rainha, que faria todo o pos- sivel para haver de a tirar das trevas da barbaridade cega pa- ra a luz da Religião verdadeira, e lhe pediu licença para vol- tar à sua patria, antes que El Rey D. Fernando o achasse menos

na Corte, por haver sahido della sem seu beneplacito. A Rainha sentio muito ouvir aquella proposta, por entender, que estando acompanhada de tão valerosos Cavalheros, se assegurava de alguma infação violenta, com que seus inimigos poderiaõ intentar offender-lhe o respeito; porém vendo o justificado motivo, com que D. João lhe insinuava a partida, lhe disse: *Bem deseja, valerosos Cavalheros, teros sempre em minha companhia, para vos servir, e fazer as merces, que mereceis; mas pois quereis voltar às vossas terras, ide com a benção de Deos, pelo qual vos peço, que vos não esqueçais desta desconsolada, e affligida Rainha, e de todos os que me acompanhaõ no desejo de serem Christãos.*

Finalmente os Cavalheros se despediraõ de Muça, e tambem de Malique Alabez, e de Gazul, os quaes os acompanharaõ até meya legoa da Cidade com mais de duzentos Mouros seus amigos; e depois que huns, e outros se apartaraõ, leguiraõ os nossos quatro Cavalheros, alegres, e victoriosos, sua derrota para Talavera; e Muça com seus companheiros voltou a Granada a pôr a Rainha em guarda, e segurança, porque receava, que os parentes, e amigos dos mortos accusadores temerariamente intentassem vingar nella os danos recebidos. Restituídos os Christãos à Corte del Rey Catholico, não se descuidaraõ do que a Rainha lhe pedira, antès pozeraõ logo em practica a conquista de Granada, persuadindo aos Abencerrages Christãos, que assim o aconselhassem a El Rey; o que elles executaraõ logo com grande fervor, como tão interessados na empreza, dizendolhe, que pozesse cerco à Cidade de Granada, porque como a gente estava dividida em bandos, facilmente a poderia ganhar. Pareceo bem a El Rey aquelle arbitrio, e a foy pessoalmente sitiar, e com effeito a fugeitou à sua obediencia, concorrendo muito para isto os melmos Abencerrages, e o valeroso Muça, que foy causa de se render a Cidade mais depressa, do que os Christãos imaginavaõ, dizendo a El Rey Audalhá seu irmaõ, que fosse obedecer a El Rey D. Fernando; porq̃ elle determinava professar a Fé Catholica com a mayor parte dos Cavalheros da Corte; pelo que lhe não ficava gente, que podesse defendello. O Rey Meuro, ouvindo isto, logo se entregou nas mãos del Rey D. Fernando, que o tratou com grande benevolencia; porém elle não satisfeito com isto, lhe pediu licença para passar a Africa, e lá o mataraõ os Mouros, por elle se haver deixado despojar de

de hum Reyno tão populoso, e opulento como era o de Granada.

Entrada em fim a Cidade, foy Muça logo beijar a mão a El Rey Catholico, e lhe pediu, que o mandasse bautizar, e a todos os de seu bando. El Rey o recebeu com inexplicavel alegria de seu coração, e mandando-o bautizar foy seu padrinho. A Rainha Sultana vendo-se na presença del Rey, e da Rainha Dona Isabel, se desfazia em lagrimas de alegria, e pedindolhes o bautismo, lho mandaraõ administrar pelo novo Arcebispo daquela Cidade D. Fernando de Talavera, e foraõ tambem seus padrinhos, e dalli em diante se chamou Dona Isabel de Granada, e casando-a depois com hum Cavalhero principal, El Rey a estimou sempre muito, e lhe deu em dote algumas terras do mesmo Reyno de Granada. Toda esta ventura deveo a Rainha Sultana ao bom conselho de sua cativa Esperança, a quem remunerou com a liberdade, e com muitas joyas de preço, mandando-a restituir à casa de seus pays depois de sete annos de cativeiro. Deste modo se foy o felicissimo Rey D. Fernando apoderando do grande Reyno de Granada, e fazendo administrar o Sacramento do bautismo aos que o desejavaõ receber; pelo que este invicto Monarca não só se fez merecedor do glorioso cognome de *Catholico*, mas tambem muito digno de eterna, e memoravel recordação; e não menos os quatro defensores da Rainha Sultana, pois com a briosa acção de defenderem a sua innocencia abriaraõ o caminho à exaltação da Fé Catholica, e escreverãõ nos bronzes da posteridade as memorias de seus illustres progressos.

Temos concluido a narraçãõ do celebre desafio de Granada, cuja Historia escreveo em Arabio hum chamado Abembamim, natural da mesma Cidade; o qual passando a Africa com El Rey Audalhá, a levou consigo, e depois de muitos annos hum seu neto a offereceo a hum Judeo, chamado Rabbi Santo, o qual a traduzio em Hebreo, e mostrando depois o original Arabio a D. Rodrigo Ponce de Leão, (bisneto de D. Manoel Ponce de Leão, hum dos quatro defensores da Rainha Sultana) esse o fez traduzir ao mesmo Rabbi na lingua Castellhana, de cujo original a offerecemos agora à publica curiosidade dos Leitores vertida na lingua Portugueza.

FINIS, LAUS DEO.

LICENÇA DO SANTO OFFICIO.

Approvação do R. P. M. D. Caetano de Gouvea, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

O Papel, de que esta petição trata, e que vi por ordem de V. Eminencia, nada tem contra nossa Santa Fé, ou bons costumes; e assim me parece, que pôde V. Eminencia dar licença, para que se imprima. Lisboa Occidental, nesta Casa da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 13. de Novembro de 1733.

D. Caetano de Gouvea, C. R.

Vista a informação, pôde-se imprimir o papel de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 13. de Novembro de 1733.

Fr. R. de Lancastrô. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

DO ORDINARIO.

O de-se imprimir o papel de que se trata; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental, 13. de Novembro de 1733.

Gouvea.

DO PAÇO.

Approvação do João Conceiro de Arco e Castro, Cavalleiro professô na Ordem de Christo, Guarda-mór da Torre do Tombo, e Académico do numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

SENHOR.

LI o papel intitulado *Desesio sustentado, e defendido na Praça de Granada em defença da Rainha Sultana, mulher del Rey Audalhá*, composto por Ignacio Rodrigues Védouro, que pertence imprimir, para o que pede licença a Vossa Magestade.

O caso que refere he hum documento da Justiça, com que Deos defende a Innocencia; (ainda entre Barbaros) he hum raro exemplo para a execução dos votos; e huma attesitação do valor Hespanhol, que devemos publicar, pela união que nos resulta das reciprocas alianças destas duas Coroas, que unidas servirão de horror a seus inimigos, e de azylo a seus aliados. Pelo que me parece, que se lhe deve dar a licença que pede. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa Occidental, 9. de Dezembro de 1733.

João Conceiro de Arco e Castro.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impresso tornará à Mesa para se conterir, e taixar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental, 10. de Dezembro de 1733.

Pereira.

Teixeira.

